RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/kxf1hj10
Pages: 1-27

HOMOFOBIA INTERNALIZADA: SOLIDÃO E CONSTITUIÇÃO DO SELF NA MODERNIDADE LÍQUIDA

INTERNALIZED HOMOPHOBIA: LONELINESS AND THE CONSTITUTION OF THE SELF IN LIQUID MODERNITY

HOMOFOBIA INTERNALIZADA: SOLEDAD Y CONSTITUCIÓN DEL YO EN LA MODERNIDAD LÍQUIDA

Murilo Leonardo da Cunha
Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil.
Discente do curso de Bacharelado em Psicologia.
E-mail: murilo_vitoria@yahoo.com.br

Allyne Evellyn Freitas Gomes
Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil.
Mestre em Psicologia Cognitiva UFPE e docente do curso de Bacharelado em Psicologia.
E-mail: allyne.gomes@univisa.edu.br

RESUMO

A homofobia internalizada refere-se ao processo por meio do qual indivíduos LGBTQIA+ assimilam valores, crenças e normas heteronormativas estigmatizantes, passando a direcioná-los contra si. No contexto contemporâneo, marcado pela fluidez das relações humanas, pela precarização dos vínculos e pela intensificação da solidão, esse fenômeno assume novas configurações subjetivas, afetivas e sociais.O presente estudo tem como objetivo analisar como a homofobia internalizada influencia a experiência da solidão e os processos de constituição do *self* em sujeitos LGBTQIA+ no contexto da modernidade líquida. Para isso, propõe-se uma articulação teórica entre psicanálise, sociologia e estudos críticos da sexualidade, com base nas contribuições de Winnicott, Foucault, Butler e Goffman.Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-reflexivo, que busca compreender como dispositivos de poder, mecanismos de estigmatização e dinâmicas relacionais contemporâneas incidem sobre a constituição do *self*, a vivência do desejo e os modos de pertencimento social.Os aportes teóricos mobilizados indicam que a homofobia internalizada, longe de se restringir a um fenômeno intrapsíquico, configura-se como um processo relacional e historicamente situado. Conclui-se que esse fenômeno é intensificado pela instabilidade dos vínculos sociais e pela fragilização das redes de apoio, o que reforça a necessidade de

compreendê-lo para além do indivíduo, em articulação com as condições sociais e culturais contemporâneas.

Palavras-chave: Homofobia internalizada; Modernidade líquida; Solidão; Subjetividades.

ABSTRACT

Internalized homophobia refers to the process through which LGBTQIA+ individuals assimilate stigmatizing heteronormative values, beliefs, and norms, eventually directing them against themselves. In the contemporary context, marked by the fluidity of human relationships, the precarization of social bonds, and the intensification of loneliness, this phenomenon assumes new subjective, affective, and social configurations.The present study aims to analyze how internalized homophobia influences the experience of loneliness and the processes of self-constitution among LGBTQIA+ individuals within the context of liquid modernity. To this end, it proposes a theoretical articulation between psychoanalysis, sociology, and critical studies of sexuality, drawing on the contributions of Winnicott, Foucault, Butler, and Goffman.This is a qualitative, theoretical-reflective study that seeks to understand how power dispositifs, mechanisms of stigmatization, and contemporary relational dynamics affect the constitution of the self, the experience of desire, and modes of social belonging.The theoretical frameworks employed indicate that internalized homophobia, far from being restricted to an intrapsychic phenomenon, is configured as a relational and historically situated process. It is concluded that this phenomenon is intensified by the instability of social bonds and the weakening of support networks, reinforcing the need to understand it beyond the individual level, in articulation with contemporary social and cultural conditions.

Keywords: Internalized homophobia; Liquid modernity; Loneliness; Subjectivities.

RESUMEN

La homofobia internalizada se refiere al proceso mediante el cual las personas LGBTQIA+ asimilan valores, creencias y normas heteronormativas estigmatizantes, llegando eventualmente a dirigirlas contra sí mismas. En el contexto contemporáneo, marcado por la fluidez de las relaciones humanas, la precarización de los vínculos sociales y la intensificación de la soledad, este fenómeno adquiere nuevas configuraciones subjetivas, afectivas y sociales. El presente estudio tiene como objetivo analizar cómo la homofobia internalizada influye en la experiencia de la soledad y en los procesos de autoconstitución de las personas LGBTQIA+ en el contexto de la modernidad líquida. Para ello, propone una articulación teórica entre el psicoanálisis, la sociología y los estudios críticos de la sexualidad, a partir de las contribuciones de Winnicott, Foucault, Butler y Goffman. Se trata de un estudio cualitativo, teórico-reflexivo, que busca comprender cómo los dispositivos de poder, los mecanismos de estigmatización y las dinámicas relacionales contemporáneas afectan la constitución del yo, la experiencia del deseo y las formas de pertenencia social. Los marcos teóricos utilizados indican que la homofobia internalizada, lejos de estar restringida a un fenómeno intrapsíquico, se configura como un proceso relacional e históricamente situado. Se concluye que este fenómeno se intensifica por la inestabilidad de los vínculos sociales y el debilitamiento de las redes de apoyo, lo que refuerza la necesidad de comprenderlo más allá del nivel individual, en articulación con las condiciones sociales y culturales contemporáneas.

Palabras clave: Homofobia internalizada; modernidad líquida; soledad; subjetividades.

1.Introdução

A homofobia internalizada configura-se como um dos fenômenos mais complexos e persistentes no campo dos estudos sobre sexualidade, subjetividade e saúde mental de pessoas LGBTQIA+. Diferentemente das formas explícitas de discriminação, ela opera de maneira silenciosa, sendo incorporada ao psiquismo por meio da repetição de normas sociais, discursos médicos, religiosos, jurídicos e morais que, historicamente, patologizaram e marginalizaram as dissidências sexuais (ANTUNES, 2017; FOUCAULT, 2009). Nessa perspectiva, Foucault (2009) demonstra que a sexualidade constitui um 1campo estratégico de exercício de poder, no qual normas são internalizadas e reproduzidas pelos próprios sujeitos.

Nessa mesma direção, Butler (1990) argumenta que o gênero não constitui uma essência interna nem uma verdade biológica, mas uma construção social produzida por meio de atos repetidos, gestos, comportamentos e formas de expressão no mundo. Essa repetição contínua produz a aparência de naturalidade e estabilidade do gênero. A noção de performatividade, nesse contexto, não se refere a uma encenação consciente, mas a um processo reiterativo por meio do qual normas sociais são incorporadas ao longo do tempo, produzindo aquilo que se reconhece como “masculino” ou “feminino”. Assim, o gênero configura-se como dinâmico, relacional e politicamente estruturado, não derivando diretamente do sexo biológico, o que converge com a análise foucaultiana sobre a produção social da sexualidade.

Na contemporaneidade, esse fenômeno assume contornos específicos quando analisado à luz das transformações sociais descritas por Bauman (2001; 2004), que caracteriza o presente como um tempo de modernidade líquida, marcado pela instabilidade dos vínculos, pela fragmentação identitária e pela intensificação da solidão. Nesse cenário, sujeitos LGBTQIA+, historicamente expostos a processos de estigmatização, vivenciam de forma ampliada experiências de insegurança, isolamento e dificuldades na construção de pertencimentos afetivos.

Diante dessas considerações, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que modo a homofobia internalizada, no contexto da modernidade

líquida, atravessa a experiência de solidão e interfere nos processos de constituição do *self* em pessoas LGBTQIA+?

Como objetivo geral, propõe-se analisar de que maneira a homofobia internalizada influencia a experiência da solidão e os processos de constituição do *self* em sujeitos LGBTQIA+ na contemporaneidade.

Como objetivos específicos, busca-se: compreender conceitualmente a homofobia internalizada e suas implicações subjetivas na construção identitária de pessoas LGBTQIA+, discutir a solidão enquanto experiência psíquica e social associada à internalização de discursos heteronormativos, refletir sobre os impactos da modernidade líquida na constituição do *self* e nas formas contemporâneas de vinculação afetiva, especialmente em aplicativos de relacionamento.

A homofobia internalizada pode ser compreendida como um fenômeno que atravessa dimensões psíquicas, sociais e culturais, impactando diretamente os modos pelos quais sujeitos LGBTQIA+ constroem suas identidades e estabelecem relações. Em contextos marcados por normas heteronormativas persistentes, discursos discriminatórios tendem a ser internalizados, produzindo sentimento de inadequação, culpa, vergonha e isolamento.

No cenário contemporâneo, caracterizado pela fluidez das relações, pela fragilidade dos vínculos e pela instabilidade identitária, a constituição do *self* torna-se ainda mais atravessada por incertezas. A experiência da solidão, nesse contexto, não se reduz à ausência de relações, mas pode expressar dificuldades de reconhecimento e pertencimento, sobretudo quando associada à rejeição social e à tensão entre identidade e normatividade.

Além disso, a exigência constante de adaptação a contextos sociais instáveis pode intensificar estratégias defensivas, como o ocultamento da identidade e o controle da expressão do desejo. Tais dinâmicas contribuem para a formação de um *falso self*, conforme discutido por Winnicott (1983), estruturado a partir de expectativas externas em detrimento da autenticidade subjetiva.

A relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão da homofobia internalizada como fenômeno que ultrapassa o âmbito individual, articulando-se a condições sociais, culturais e históricas. Ao integrar contribuições da psicanálise, da sociologia e dos estudos de gênero e sexualidade, a pesquisa busca ampliar o debate teórico e oferecer subsídios

para práticas clínicas e políticas públicas voltadas à saúde mental da população LGBTQIA+.

2. Metodologia

Este estudo configura-se como um ensaio teórico de abordagem qualitativa e natureza teórico-crítica, fundamentado em revisão narrativa da literatura. Seu objetivo é analisar a homofobia internalizada em articulação com a experiência de solidão e os processos de constituição do self em sujeitos LGBTQIA+, a partir de uma abordagem interdisciplinar em Psicologia, com interlocução entre psicanálise, teoria social e estudos de gênero.

A escolha pela revisão narrativa justifica-se pela natureza complexa e não mensurável diretamente do objeto de estudo, que envolve processos subjetivos, históricos e discursivos. Esse tipo de revisão é particularmente adequado em Psicologia quando o objetivo não é a síntese estatística de evidências, mas a construção de um modelo interpretativo integrador sobre fenômenos psicossociais. Estratégia de busca e fontes de informação:

O levantamento bibliográfico foi realizado entre março e novembro de 2025 em bases de dados nacionais e internacionais, incluindo SciELO, PubMed, Scopus e Google Scholar. Também foram incluídos livros, capítulos de livros e obras clássicas consideradas fundamentais para os campos da psicanálise, teoria social e estudos de gênero e sexualidade.

A estratégia de busca combinou descritores em português, inglês e espanhol, utilizando operadores booleanos quando necessário. Os principais descritores utilizados foram: “homofobia internalizada”, “internalized homophobia” e “homofobia interiorizada”; “solidão”, “loneliness” e “soledad”; “self”, “self constitution” e “constituição do self”; “LGBTQIA+” e “sexual minority”; além de “revisão narrativa” e “narrative review”. Foram priorizados estudos com relevância teórica, consistência conceitual e reconhecimento acadêmico nas respectivas áreas. Critérios de elegibilidade.

Foram incluídos: Artigos científicos revisados por pares; Livros e capítulos de livros acadêmicos; Obras teóricas clássicas e contemporâneas relevantes para os eixos analíticos; Publicações em português, inglês ou espanhol; Estudos diretamente relacionados à homofobia internalizada, subjetividade, gênero, sexualidade e saúde mental. Foram excluídos: Textos

sem acesso ao conteúdo integral; Publicações duplicadas; Materiais sem fundamentação teórica consistente; Estudos sem relação direta com o objeto da pesquisa.

Procedimentos de análise dos dados análise do material foi conduzida por meio de leitura interpretativa de caráter hermenêutico, inspirada em Ricoeur (2004), com foco na identificação de padrões conceituais, convergências teóricas e tensões epistemológicas entre os autores mobilizados. O processo analítico foi organizado a partir de três eixos teóricos principais:Produção social da sexualidade e dispositivos de poder, fundamentado em Foucault (2009) e literatura crítica sobre sexualidade e normatividade; Processos de subjetivação e performatividade de gênero, com base em Butler (1990) e autores dos estudos de gênero; Constituição psíquica do self e experiências de solidão, a partir da psicanálise winnicottiana e literatura em Psicologia do desenvolvimento e saúde mental.

Esses eixos foram articulados em um modelo interpretativo integrador, voltado à compreensão da homofobia internalizada como fenômeno psicossocial multidimensional. Delineamento do estudo e considerações éticas

Trata-se de um estudo teórico de revisão narrativa, sem coleta de dados empíricos com seres humanos, dispensando submissão a comitê de ética em pesquisa, conforme diretrizes vigentes para estudos baseados exclusivamente em revisão bibliográfica. Como limitação, destaca-se a ausência de sistematização quantitativa da literatura e a dependência de seleção interpretativa dos autores incluídos, característica inerente a revisões narrativas. Esse delineamento não permite generalização empírica, mas favorece a construção de modelos teóricos explicativos e integrativos.

Recomenda-se que estudos futuros aprofundem empiricamente as hipóteses interpretativas aqui formuladas, especialmente por meio de delineamentos qualitativos (entrevistas, narrativas de vida) ou mistos, voltados à experiência subjetiva de pessoas LGBTQIA+.

3. Fundamentação teórica

3.1. Homofobia internalizada: reflexões iniciais

A homofobia internalizada pode ser compreendida como a incorporação, por parte de indivíduos LGBTQIA+, de valores, crenças e estigmas sociais negativos relacionados à homossexualidade, que passam a ser direcionados contra si mesmos ou contra outros sujeitos da mesma comunidade. Esse processo manifesta-se em sentimento de culpa, vergonha, rejeição e, em alguns casos, em atitudes autodepreciativas ou de distanciamento identitário.

Embora Byrne (2000) contribua para a compreensão histórica da homofobia enquanto construção social, sua abordagem não se volta especificamente para a dimensão intrapsíquica do fenômeno. Nesse sentido, a homofobia internalizada deve ser entendida menos como uma categoria isolada e mais como um efeito da internalização de normas heteronormativas amplamente disseminadas nos processos de socialização.

Diferentemente da homofobia externa, que se expressa por meio de discriminação direta, violência ou exclusão social, a homofobia internalizada opera no campo subjetivo. Trata-se de um mecanismo no qual discursos sociais hostis são incorporados ao psiquismo, produzindo formas de autopoliciamento e conflito interno. Tal distinção é fundamental, pois desloca a análise de uma perspectiva exclusivamente social para uma compreensão que integra dimensões psíquicas e culturais.

Antunes (2017) argumenta que a homofobia não se limita a práticas discriminatórias externas, mas constitui também um processo psíquico resultante de contextos sociais marcados por heteronormatividade, machismo e heterossexismo. Segundo o autor, instituições como a religião, a medicina e o direito desempenharam papel central na construção de um imaginário social que historicamente deslegitimou a homossexualidade, classificando-a como desvio, anormalidade ou patologia.

Esse conjunto de valores e representações é incorporado ao longo do processo de socialização, afetando todos os sujeitos, mas incidindo de maneira mais intensa sobre aqueles cuja orientação sexual é alvo direto dessas normatividades. Como destaca Antunes (2017), tais valores são “introjetados por todas as pessoas no processo de socialização”, embora produzam efeitos mais profundos nos próprios indivíduos LGBTQIA+.

Estudos recentes, como o de Cecily *et al*. (2024), indicam que a homofobia internalizada pode manifestar-se por meio de vergonha em relação ao próprio

desejo, medo de exposição da orientação sexual e reprodução de estereótipos negativos sobre a homossexualidade. Essas manifestações não ocorrem de forma isolada, estando associadas a impactos significativos na saúde mental, incluindo ansiedade, depressão, baixa autoestima e conflitos identitários.

Além disso, a internalização desses discursos pode influenciar comportamentos de evasão social, dificuldades na construção de vínculos afetivos e estratégias inconscientes de autossabotagem. Nesse sentido, a homofobia internalizada não se restringe a um conjunto de crenças negativas, mas configura-se como um processo que atravessa modos de ser, de desejar e de se relacionar. A análise desse fenômeno exige, portanto, o reconhecimento de sua dimensão relacional e histórica.

Não se trata apenas de um conflito individual, mas de um efeito das condições sociais que regulam a sexualidade e produzem hierarquias entre formas legítimas e ilegítimas de existência. Compreender a homofobia internalizada implica considerar como estruturas sociais de preconceito são incorporadas ao universo psíquico, demandando intervenções que articulem dimensões clínicas, sociais e políticas. Embora frequentemente utilizada como sinônimo de estigma internalizado ou sofrimento minoritário, a homofobia internalizada possui especificidades conceituais. O estigma internalizado refere-se à incorporação de representações sociais negativas sobre identidades dissidentes; a heteronormatividade internalizada diz respeito à assimilação de normas que privilegiam a heterossexualidade como padrão legítimo; já o sofrimento minoritário envolve o conjunto de estressores sociais crônicos associados à condição de minoria sexual (MEYER, 2003). A homofobia internalizada, nesse contexto, pode ser compreendida como manifestação específica desses processos no campo da sexualidade, produzindo vergonha, autocensura e conflito identitário.

Além disso, reconhece-se que a categoria LGBTQIA+ não constitui um grupo homogêneo. Experiências de homens gays, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, trans, queer ou não binárias são atravessadas por formas distintas de estigma, incluindo transfobia internalizada, cisnormatividade e violências específicas relacionadas ao gênero.

3.2 . Foucault e o dispositivo da sexualidade

A análise da sexualidade proposta por Foucault (2009) desloca a compreensão tradicional que a associa a uma dimensão natural ou instintiva, concebendo-a como um campo historicamente construído de saber e poder. Em *História da sexualidade: a vontade de saber*, o autor argumenta que a sexualidade constitui um dispositivo, isto é, um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, práticas e saberes que operam na regulação dos corpos, dos prazeres e das identidades.

Nessa perspectiva, o poder não se limita a uma função repressiva. Ao contrário, ele atua de forma produtiva, produzindo subjetividades, classificações e modos de existência. A sexualidade torna-se, assim, um domínio privilegiado de intervenção, no qual normas são instituídas, naturalizadas e incorporadas pelos próprios sujeitos.

O conceito de dispositivo da sexualidade permite compreender que a regulação das práticas sexuais não ocorre apenas por meio de proibições explícitas, mas através da produção de discursos que definem o que é considerado legítimo, normal ou aceitável. A partir do século XIX, tais discursos passaram a nomear, classificar e hierarquizar as sexualidades, instituindo a heterossexualidade como padrão normativo e relegando outras formas de desejo à condição de desvio ou anormalidade (FOUCAULT, 2009).

Nesse contexto, a homofobia internalizada pode ser compreendida como efeito desses mecanismos de poder. Normas heteronormativas, historicamente legitimadas por instituições como a família, a escola, a medicina e a religião, são incorporadas pelos sujeitos LGBTQIA+, que passam a reproduzir contra si mesmos valores e estigmas sociais. O controle social, nesse sentido, não se limita à exterioridade das relações, mas é internalizado sob a forma de autovigilância.

Foucault (2009) afirma que a sexualidade deve ser entendida como um dispositivo histórico de saber e poder, o que implica reconhecer que os modos de vivenciar o desejo são atravessados por práticas discursivas e relações de força. No caso da homofobia internalizada, isso se expressa na forma como o sujeito passa a regular seus próprios afetos, desejos e comportamentos a partir de normas que o deslegitimam.

A noção de subjetivação é central nesse processo. Para o psicólogo os sujeitos são constituídos no interior das relações de poder que os atravessam.

Isso significa que as mesmas normas que produzem inteligibilidade social também operam como mecanismos de sujeição. No campo da sexualidade, essa dinâmica se manifesta na internalização de critérios normativos que orientam a forma como o indivíduo se percebe, se avalia e se posiciona no mundo.

Desse modo, a homofobia internalizada não pode ser reduzida a um conflito psicológico individual. Trata-se de um efeito sociopolítico que emerge das relações históricas de poder que estruturam a sexualidade. A incorporação de discursos heteronormativos produz formas de autocensura, culpa e rejeição de si, evidenciando que o poder atua tanto na dimensão social quanto na constituição subjetiva.

Essa perspectiva permite compreender que a experiência subjetiva do desejo não é independente das condições sociais que a produzem. Ao contrário, ela é continuamente moldada por regimes de verdade que definem quais formas de existência são reconhecidas como legítimas. Assim, a análise foucaultiana contribui para deslocar a compreensão da homofobia internalizada do plano estritamente individual para um campo mais amplo, no qual se articulam poder, discurso e produção de subjetividades. Além disso, a compreensão da homofobia internalizada pode ser ampliada a partir do modelo de estresse de minoria (MEYER, 2003), segundo o qual sujeitos LGBTQIA+ estão expostos a estressores sociais crônicos decorrentes da estigmatização. O autor distingue estressores distais, relacionados à discriminação e violência externas, e estressores proximais, associados à expectativa de rejeição, ocultamento da identidade e internalização do estigma. Nesse contexto, a homofobia internalizada configura-se como importante mediador entre opressão social e sofrimento psíquico.

3.3. Constituição do self a partir da performance

A compreensão da constituição do *self* a partir da perspectiva da performatividade encontra em Butler (1990) um de seus principais referenciais teóricos. Para a autora, o gênero não constitui uma essência estável nem uma expressão natural do sexo biológico, mas um efeito produzido pela repetição contínua de normas sociais que regulam corpos, comportamentos e formas de desejo.

Nesse sentido, o gênero pode ser entendido como uma prática reiterativa, por meio da qual gestos, discursos e modos de apresentação são continuamente reproduzidos, produzindo a aparência de uma identidade coerente e natural. A performatividade não implica uma escolha voluntária ou uma encenação consciente, mas refere-se à incorporação reiterada de normas que antecedem o sujeito e condicionam sua inteligibilidade social.

A partir dessa perspectiva, o *self* não se configura como uma interioridade fixa, mas como um processo em constante constituição, atravessado por normas sociais que orientam formas legítimas de existência. O reconhecimento social depende da capacidade de o sujeito se inscrever, ao menos parcialmente, em padrões normativos compartilhados, especialmente aqueles vinculados à matriz heteronormativa.

A heteronormatividade opera como um regime regulador que estabelece uma coerência esperada entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação do desejo. Tal coerência produz inteligibilidade social, mas também delimita fronteiras de exclusão. Identidades que não se alinham a esse padrão tornam-se mais vulneráveis à marginalização e ao não reconhecimento.

Nesse ponto, a contribuição de Beauvoir (1980) pode ser compreendida como antecedente importante dessa crítica, ao evidenciar que as identidades de gênero não derivam de uma essência natural, mas de processos históricos e sociais que produzem papéis e hierarquias. Essa formulação abre caminho para a compreensão do gênero como construção, posteriormente radicalizada pela noção de performatividade em Butler.

No que se refere à constituição do sujeito, Butler (1997) argumenta que o poder não apenas limita, mas produz os próprios sujeitos que a ele se subordinam. A sujeição, nesse sentido, é paradoxal: ao mesmo tempo em que impõe normas, possibilita a existência social. O sujeito emerge, portanto, no interior das relações de poder que o constituem.

Quando normas heteronormativas são internalizadas de forma rígida, o processo de constituição do *self* pode ser atravessado por tensões significativas, especialmente em sujeitos LGBTQIA+. A repetição de normas que deslegitimam determinadas formas de desejo pode gerar conflitos intrapsíquicos, autorregulação excessiva e sentimentos de inadequação.

Nesse contexto, a homofobia internalizada pode ser compreendida como um efeito dessa dinâmica performativa. O sujeito passa a incorporar normas que negam ou inferiorizam sua própria identidade, produzindo formas de autopoliciamento e autocensura. A busca por reconhecimento social pode levar à tentativa de adequação a padrões normativos, ainda que em detrimento da autenticidade subjetiva.

A solidão, nesse cenário, não se reduz à ausência de relações, mas pode emergir como expressão da dificuldade de sustentar uma identidade que não encontra reconhecimento pleno no campo social. A tensão entre o *self* vivido e o *self* socialmente aceitável pode produzir experiências de isolamento, fragmentação e insegurança.

Por outro lado, a própria noção de performatividade abre espaço para a possibilidade de deslocamento das normas. A repetição nunca é absolutamente idêntica, o que permite fissuras e reconfigurações nos modos de existir. Assim, embora o *self* seja constituído em relação às normas, ele também pode operar como espaço de negociação e transformação.

Dessa forma, a constituição do *self* em contextos marcados por normatividades rígidas e pela fluidez contemporânea revela-se como um processo atravessado por disputas simbólicas, reconhecimento social e vulnerabilidades subjetivas, sendo diretamente afetado pela internalização de discursos que regulam a sexualidade e os modos de existência.

3.4. Solidão e constituição do self em winnicott

Na teoria psicanalítica de Winnicott (1965; 1971), a constituição do *self* está diretamente relacionada à qualidade das relações estabelecidas com o ambiente, especialmente nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional. A experiência de um ambiente suficientemente bom possibilita a continuidade do ser e favorece a expressão espontânea do *self* verdadeiro.

Winnicott (1965), distingue o *self* verdadeiro, associado à espontaneidade e à vitalidade psíquica, do *falso self*, entendido como uma organização defensiva que emerge em resposta a exigências externas. Em contextos nos quais o ambiente se apresenta como invasivo, normativo ou pouco acolhedor, o sujeito tende a desenvolver formas de adaptação que priorizam a conformidade em detrimento da autenticidade.

Essa formulação oferece uma chave importante para compreender os efeitos subjetivos da homofobia internalizada. Em contextos sociais marcados por normas heteronormativas rígidas e pela deslegitimação da diversidade sexual, sujeitos LGBTQIA+ podem ser levados a ocultar ou modificar aspectos centrais de sua identidade. Tal processo favorece a constituição de um *falso self* organizado a partir de expectativas sociais, comprometendo a integração psíquica e a livre expressão do desejo.

A internalização de discursos que inferiorizam a homossexualidade não apenas produz sofrimento psíquico, mas também interfere na capacidade de estabelecer relações autênticas. O sujeito passa a se relacionar a partir de uma posição defensiva, mediada por estratégias de ocultamento, controle e autovigilância, o que pode intensificar experiências de isolamento.

Nesse contexto, a noção de capacidade de estar só, desenvolvida por Winnicott (1971), adquire relevância. Para o autor, a possibilidade de estar só não se refere ao isolamento, mas à capacidade de sustentar a própria existência psíquica na ausência do outro, o que depende da internalização de uma presença confiável. Trata-se de um indicador de amadurecimento emocional, construído a partir de experiências iniciais de cuidado e sustentação.

Quando essa base não é suficientemente consolidada, a solidão tende a ser vivida como vazio, abandono ou exclusão. No caso de sujeitos atravessados pela homofobia internalizada, essa experiência pode ser intensificada, uma vez que a dificuldade de aceitação de si compromete tanto a relação consigo quanto a possibilidade de vínculos seguros com o outro.

A solidão, nesse sentido, não deve ser compreendida apenas como ausência de relações, mas como expressão de uma fragilidade na constituição do *self*. A tensão entre o desejo de reconhecimento e o medo da rejeição pode levar à retração afetiva e à limitação das experiências relacionais.

Além disso, a necessidade constante de adaptação a ambientes percebidos como potencialmente hostis pode reforçar a organização do *falso self*, dificultando o acesso à espontaneidade e à criatividade. Esse processo contribui para a manutenção de um estado de vigilância psíquica que limita a experiência de autenticidade.

Dessa forma, a contribuição de Winnicott (1965), permite compreender que a homofobia internalizada não atua apenas no plano das crenças ou

representações, mas incide diretamente na estruturação do *self*. A qualidade das relações estabelecidas com o ambiente social e afetivo torna-se, portanto, um elemento central para a compreensão das experiências de solidão e sofrimento psíquico em sujeitos LGBTQIA+.

A solidão discutida neste estudo não constitui categoria homogênea. Em primeiro nível, pode manifestar-se como fragilidade ou ausência de vínculos sociais. Em segundo, emerge como experiência de não reconhecimento identitário, especialmente quando o sujeito percebe sua existência como socialmente invalidada. Por fim, Winnicott (1971) diferencia essa experiência da capacidade amadurecida de estar só, entendida como conquista psíquica vinculada à internalização de um ambiente suficientemente confiável.

Contudo, é importante destacar que estratégias de ocultamento, modulação da identidade ou controle da expressão do desejo não devem ser interpretadas automaticamente como manifestações patológicas do falso self. Em contextos marcados por violência simbólica, discriminação ou ameaça de exclusão, tais estratégias podem constituir recursos defensivos de sobrevivência psíquica e proteção social.

3.5. Tempos de modernidade líquida

A noção de modernidade líquida, proposta por Bauman (2001; 2004), permite compreender a contemporaneidade como um período marcado pela instabilidade das relações sociais, pela fragilização dos vínculos afetivos e pela aceleração das formas de interação. Diferentemente das estruturas sólidas da modernidade clássica, nas quais os laços sociais tendiam a maior durabilidade, o cenário contemporâneo é caracterizado pela transitoriedade e pela constante reconfiguração das formas de pertencimento.

Essa condição de fluidez não se restringe às relações sociais em sentido amplo, mas incide diretamente sobre a constituição das identidades. O sujeito contemporâneo é convocado a se adaptar continuamente a contextos instáveis, nos quais a permanência dos vínculos afetivos e sociais é frequentemente incerta. Nesse cenário, a identidade torna-se um processo em permanente negociação, atravessado por inseguranças e instabilidades.

Para sujeitos LGBTQIA+, essa condição assume contornos mais intensos, uma vez que a experiência histórica de marginalização e

estigmatização já implica maior vulnerabilidade nas relações sociais. A fragilidade dos vínculos na modernidade líquida amplia a percepção de risco de rejeição, favorecendo estratégias de proteção subjetiva como o ocultamento da identidade, a vigilância sobre o próprio comportamento e a evitação de vínculos mais profundos.

Nesse contexto, a solidão não pode ser compreendida apenas como ausência de relações, mas como efeito estrutural de um ambiente social marcado pela instabilidade e pela baixa previsibilidade dos vínculos. Trata-se de uma solidão que se articula diretamente às condições de reconhecimento social, intensificada quando o pertencimento depende de performances continuamente ajustadas às expectativas externas.

A homofobia internalizada se inscreve nesse cenário como um mecanismo que interage com a instabilidade contemporânea. Ao internalizar normas heteronormativas e expectativas sociais de adequação, o sujeito pode intensificar processos de autocontrole e autonegação, sobretudo em contextos nos quais a aceitação social é percebida como condicional e instável.

Os aplicativos de relacionamento representam um dos espaços privilegiados dessa dinâmica na contemporaneidade. Nessas plataformas, a interação é mediada por lógicas de visibilidade, seleção e julgamento rápido, nas quais a apresentação do self é constantemente ajustada para maximizar aceitação. A lógica dos “matches” e das avaliações instantâneas reforça formas de validação baseadas em critérios muitas vezes normativos de desejabilidade.

Para sujeitos LGBTQIA+, esses ambientes podem produzir simultaneamente possibilidades de encontro e intensificação de vulnerabilidades. Por um lado, ampliam o acesso a redes de sociabilidade; por outro, podem reforçar dinâmicas de comparação, exclusão e hierarquização de corpos e identidades. Essa ambivalência contribui para a manutenção de processos de insegurança subjetiva, especialmente quando articulada à homofobia internalizada.

Dessa forma, a modernidade líquida não apenas descreve um contexto de instabilidade social, mas atua como condição estrutural que intensifica formas contemporâneas de solidão. No caso de sujeitos LGBTQIA+, essa solidão emerge da articulação entre fragilidade dos vínculos, regimes de visibilidade

digital e processos de internalização de normas heteronormativas, configurando um cenário de elevada vulnerabilidade subjetiva.

3.6. Performance do self em aplicativos de relacionamento

A construção do *self* em ambientes digitais de relacionamento pode ser compreendida como um processo de performance social mediado por tecnologias de visibilidade e interação. A partir de Goffman (1985), o self pode ser entendido como uma apresentação de si estruturada por contextos situacionais, nos quais os indivíduos gerenciam impressões com base no público e nas expectativas sociais envolvidas.

Nos aplicativos de relacionamento, essa lógica de apresentação é intensificada pela mediação tecnológica, que transforma o *self* em uma construção altamente curada. Fotografias, descrições e preferências são organizadas estrategicamente para produzir uma imagem socialmente desejável, orientada pela busca de reconhecimento e validação.

Esse processo não ocorre de forma neutra, mas está atravessado por normas sociais de gênero e sexualidade. Em consonância com discussões sobre normatividade de gênero (SAFFIOTI, 1987), observa-se que a performance do *self* digital frequentemente reproduz padrões hegemônicos de masculinidade, corporalidade e desejabilidade, que operam como critérios implícitos de validação.

Um segundo eixo de análise refere-se à mediação algorítmica desses ambientes. Plataformas como Tinder e Grindr organizam interações por meio de sistemas de recomendação, curtidas e correspondências, que funcionam como dispositivos de filtragem social. Esses mecanismos estruturam uma economia da visibilidade, na qual o valor do *self* é continuamente testado por métricas de engajamento e aceitação (ROSENFELD; THOMAS; HAUSEN, 2019).

Essa lógica algorítmica não apenas organiza encontros, mas também influencia a forma como os sujeitos constroem suas próprias representações. Como aponta Castells (2020), em ambientes em rede, a identidade torna-se fluida e constantemente reconfigurada em função das interações mediadas digitalmente. No caso dos aplicativos de relacionamento, essa fluidez é tensionada por critérios de atratividade altamente normatizados.

Um terceiro eixo refere-se às implicações subjetivas dessas dinâmicas para sujeitos LGBTQIA+. Embora esses aplicativos ampliem possibilidades de sociabilidade e encontro, também intensificam experiências de comparação, hierarquização e exclusão simbólica. A centralidade da imagem e a rapidez das interações podem reforçar avaliações baseadas em padrões corporais e identitários normativos (LIMA, 2024).

Nesse contexto, a performance do *self* não se limita à apresentação estratégica, mas envolve também processos de regulação subjetiva. A busca por aceitação pode levar à supressão de aspectos identitários considerados não desejáveis, produzindo formas de autocensura e adaptação contínua. Tais dinâmicas se articulam diretamente à homofobia internalizada, na medida em que normas heteronormativas são reproduzidas no espaço digital sob novas formas.

Estudos sobre experiências LGBTQIA+ em aplicativos de relacionamento indicam ainda a presença de estratégias de ocultamento e seletividade na exposição da identidade, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade social e risco de violência simbólica (FERREIRA; TORRES; FERNANDES, 2024; MOWLABOCUS, 2010). Esses mecanismos evidenciam que a gestão da visibilidade digital está profundamente ligada a processos de proteção subjetiva.

Dessa forma, a performance do *self* em aplicativos de relacionamento deve ser compreendida como um fenômeno complexo, situado na interseção entre tecnologia, normatividade social e subjetividade. Trata-se de um campo no qual reconhecimento e exclusão são continuamente produzidos, evidenciando que as dinâmicas digitais não apenas refletem, mas também reconfiguram as formas contemporâneas de constituição do sujeito. A experiência da homofobia internalizada não ocorre de forma homogênea entre sujeitos LGBTQIA+. Marcadores sociais como raça, classe, território, geração, religião e corporalidade modulam as condições de reconhecimento social e acesso a redes de apoio.

Essa ambivalência dos espaços digitais é central para compreender os aplicativos de relacionamento contemporâneos. Eles não podem ser reduzidos nem a ferramentas “libertadoras” nem a ambientes exclusivamente

mercantilizados ou superficiais; na prática, operam como arenas complexas onde diferentes formas de sociabilidade coexistem.

Para sujeitos LGBTQIA+, especialmente em contextos sociais marcados por preconceito, violência ou invisibilização, esses aplicativos podem funcionar como infraestruturas de encontro e reconhecimento. Eles permitem a experimentação de identidades, a circulação de afetos e a construção de redes de apoio que muitas vezes não estão disponíveis em espaços presenciais. Em muitos casos, tornam-se também dispositivos de descoberta identitária, nos quais usuários podem nomear desejos, explorar orientações sexuais ou expressar identidades de gênero com maior liberdade relativa.

Ao mesmo tempo, essa potência convive com limites importantes: a lógica de “deslizar perfis”, a centralidade da aparência, a racialização e a sexualização de corpos, além de dinâmicas de rejeição rápida e consumo de pessoas. Isso pode gerar experiências de exclusão, ansiedade e reforço de hierarquias sociais já existentes. Ou seja, os mesmos mecanismos que possibilitam conexão também podem produzir violência simbólica e apagamento.

Assim, pensar esses ambientes como ambivalentes significa reconhecer que eles são simultaneamente espaços de possibilidade e de controle, de autonomia e de normatização. Sua relevância para populações LGBTQIA+ não está em uma suposta neutralidade tecnológica, mas justamente na tensão entre risco e possibilidade, entre vulnerabilidade e agência, que estrutura as formas de sociabilidade mediadas digitalmente.

A ambivalência dos espaços digitais pode ser compreendida como resultado das tensões entre práticas de liberdade, vigilância e normatização que atravessam as tecnologias de sociabilidade contemporâneas. Em vez de operar como ambientes neutros, os aplicativos de relacionamento constituem infraestruturas sociotécnicas que tanto possibilitam quanto restringem formas de interação, especialmente no caso de sujeitos LGBTQIA+ (FOUCAULT,2009; BOYD, 2014).

Por um lado, esses aplicativos podem funcionar como dispositivos de reconhecimento e experimentação identitária. Em contextos sociais marcados por heteronormatividade e violência simbólica, plataformas como redes geossociais de encontro permitem que usuários LGBTQIA+ estabeleçam vínculos, encontrem pares e explorem afetos com maior segurança relativa do

que em espaços presenciais hostis. Essa dimensão já foi descrita em pesquisas sobre “gay geosocial networking apps”, que mostram como essas plataformas reconfiguram formas de sociabilidade e visibilidade sexual (MOWLABOCUS, 2010; BLACKWELL; BIRNHOLTZ; ABBOTT, 2015). Além disso, estudos apontam que tais ambientes também podem operar como espaços de apoio e circulação de informações, contribuindo para processos de autoidentificação e pertencimento (DUGUAY, 2016).

Por sua vez, essas mesmas plataformas são estruturadas por lógicas de mercado, visibilidade algorítmica e avaliação rápida de perfis, o que pode reforçar hierarquias sociais baseadas em raça, gênero, corporalidade e capital erótico. A dinâmica de “swipe” e filtragem constante tende a intensificar processos de objetificação e exclusão, ainda que de forma aparentemente voluntária e individualizada (LICOPPE et al., 2016). Nesse sentido, a sociabilidade digital não elimina desigualdades, mas frequentemente as reconfigura em novos regimes de visibilidade e desejo.

Assim, a ambivalência desses espaços digitais reside justamente na coexistência entre possibilidades de agência e mecanismos de controle. Para sujeitos LGBTQIA+, os aplicativos de relacionamento são simultaneamente tecnologias de libertação relativa e de regulação do desejo, produzindo tanto pertencimento quanto vulnerabilidade dentro de uma mesma infraestrutura sociotécnica.

Pessoas LGBTQIA+ negras, periféricas, trans ou inseridas em contextos religiosos conservadores frequentemente vivenciam formas intensificadas de exclusão e vulnerabilidade social, afetiva e institucional. Nesse sentido, a perspectiva da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) torna-se fundamental para compreender que sexualidade, gênero, raça e classe não operam como dimensões isoladas, mas se articulam de maneira dinâmica na produção das experiências de sofrimento, pertencimento, resistência e solidão. Assim, as desigualdades não incidem de forma homogênea, mas se combinam e se aprofundam conforme a sobreposição de marcadores sociais, gerando diferentes níveis de exposição à discriminação e ao apagamento.

Nesse contexto, é importante reconhecer que tais experiências também são atravessadas por estratégias de enfrentamento e reinvenção de si. Ainda que marcados por estruturas sociais excludentes, os sujeitos LGBTQIA+

constroem modos de existência que desafiam normas hegemônicas de gênero, sexualidade e pertencimento. Esses processos envolvem, muitas vezes, a busca por espaços alternativos de sociabilidade e acolhimento, nos quais seja possível experimentar formas mais seguras de expressão indenitária.

Apesar disso, tais plataformas, especialmente aplicativos de relacionamento e redes digitais, não podem ser compreendidas apenas como espaços de sofrimento ou alienação. Para muitos sujeitos LGBTQIA+, sobretudo aqueles inseridos em contextos presenciais hostis ou violentos, esses ambientes digitais também funcionam como espaços de descoberta indenitária, experimentação afetiva, construção de redes de apoio e fortalecimento de vínculos comunitários. Neles, é possível acessar referências, narrativas e interações que contribuem para a ampliação do repertório indenitário e para a validação de experiências frequentemente invisibilizadas em outros espaços sociais.

Trata-se, portanto, de ambientes marcados por profunda ambivalência: ao mesmo tempo em que podem reproduzir dinâmicas de exclusão, racismo, transfobia e hierarquizações corporais, também possibilitam reconhecimento, pertencimento e sociabilidade. Essa ambivalência evidencia que tais plataformas não são neutras, mas atravessadas por disputas simbólicas e estruturais que refletem desigualdades sociais mais amplas.

Assim, compreender suas dinâmicas exige uma leitura crítica que considere tanto suas potencialidades de acolhimento quanto seus mecanismos de reprodução de violência, situando-as dentro de um cenário mais amplo de desigualdades interseccionais.

4. Modelo interpretativo proposto (Resultados e discussão)

A análise teórica desenvolvida permite compreender a homofobia internalizada como um fenômeno multidimensional, produzido na interseção entre regimes históricos de regulação da sexualidade, dinâmicas de reconhecimento social, transformações contemporâneas dos vínculos afetivos e processos psíquicos de constituição do self. No entanto, essa articulação não ocorre de forma plenamente harmoniosa entre os referenciais mobilizados, mas é atravessada por tensões epistemológicas importantes, especialmente entre

perspectivas que privilegiam a produção discursiva da subjetividade e aquelas que enfatizam sua organização intrapsíquica.

Em um primeiro nível analítico, a partir de Foucault, a sexualidade não pode ser compreendida como expressão natural do sujeito, mas como efeito de um dispositivo histórico de poder. Esse dispositivo opera por meio da produção de saberes, discursos e práticas institucionais que classificam, hierarquizam e normalizam formas de desejo. Nesse regime, a heterossexualidade se constitui como norma regulatória, enquanto outras expressões sexuais são produzidas como desviantes, abjetas ou inteligíveis apenas sob certas condições.

Entretanto, ao deslocar essa análise para o plano da subjetividade, emerge uma primeira tensão importante: a passagem do nível discursivo para o psíquico não é plenamente explicada em Foucault. É nesse ponto que a noção de homofobia internalizada, tal como discutida por Antunes (2017), introduz uma mediação interpretativa ao sugerir que normas sociais não apenas estruturam práticas externas, mas são incorporadas no processo de socialização. Ainda assim, permanece a questão de como esse processo de incorporação se constitui sem recorrer a uma lógica psicológica que Foucault justamente problematiza.

Em um segundo nível, a teoria da performatividade de gênero em Butler permite avançar na compreensão da constituição do sujeito como efeito da repetição normativa. O self não precede as normas, mas emerge delas, sendo continuamente produzido por atos reiterativos que tornam o gênero inteligível. Nesse contexto, a homofobia internalizada pode ser entendida como uma tensão performativa: o sujeito LGBTQIA+ é convocado a ajustar sua apresentação de si a regimes normativos que garantem reconhecimento social.

Contudo, aqui se instala outra tensão conceitual: se o sujeito é inteiramente efeito da norma, como compreender a experiência subjetiva de sofrimento, conflito e autocensura sem recorrer a uma interioridade que a própria teoria performativa tende a desestabilizar? A ideia de adaptação identitária, embora empiricamente potente, reintroduz parcialmente uma noção de interioridade que não é plenamente compatível com o antiessencialismo radical da performatividade.

Em um terceiro nível analítico, Bauman contribui para a leitura das condições contemporâneas de instabilidade dos vínculos sociais. A fragilização

das relações e a fluidez das identidades ampliam a percepção de risco de rejeição, especialmente para sujeitos historicamente vulnerabilizados, como a população LGBTQIA+. Nesse cenário, o reconhecimento torna-se condicional e reversível, intensificando estratégias de autocontenção e gestão da visibilidade. Entretanto, essa leitura sociológica de larga escala tende a operar com categorias diagnósticas amplas (“fluidez”, “instabilidade”, “liquidez”) que, embora heurísticas, podem reduzir a especificidade dos mecanismos concretos de produção da exclusão. Há aqui uma tensão entre a força descritiva do diagnóstico macroestrutural e sua capacidade de explicar variações situadas da experiência subjetiva.

A mediação tecnológica, especialmente por meio de aplicativos de relacionamento, intensifica essas dinâmicas ao introduzir lógicas de avaliação rápida, comparação e descartabilidade dos vínculos. Nesse contexto, o reconhecimento passa a ser mediado por economias de visibilidade e desejabilidade altamente normativas, o que reconfigura as formas contemporâneas de sociabilidade LGBTQIA+.

Em um quarto nível, a psicanálise de Winnicott introduz uma inflexão distinta ao compreender o self como constituído na relação com o ambiente. A distinção entre self verdadeiro e falso permite interpretar a adaptação excessiva às normas sociais como uma forma de defesa psíquica diante de contextos percebidos como invasivos ou não acolhedores.

Aqui, a tensão teórica torna-se mais explícita: enquanto Foucault e Butler deslocam o sujeito para o campo das práticas discursivas e normativas, Winnicott reinscreve uma dimensão de interioridade e desenvolvimento psíquico relativamente estável. A articulação entre esses modelos exige, portanto, um movimento interpretativo que evite tanto a redução sociológica do psíquico quanto a psicologização do social.

Nesse cruzamento, a homofobia internalizada pode ser compreendida como um operador que articula essas diferentes escalas: ela se manifesta simultaneamente como efeito de normas sociais, como exigência performativa de reconhecimento e como organização defensiva do self diante de ambientes vividos como potencialmente hostis. A solidão, nesse contexto, não se reduz à ausência de vínculos, mas expressa uma fratura na possibilidade de integração entre reconhecimento social e experiência subjetiva de autenticidade.

A partir dessa articulação, a homofobia internalizada pode ser compreendida como um operador transversal que conecta dispositivos históricos de poder, regimes normativos de gênero, transformações contemporâneas dos vínculos sociais e formas de organização psíquica. Contudo, essa transversalidade não deve ser entendida como síntese harmoniosa, mas como campo de tensões entre níveis analíticos que não se reduzem entre si.

Dessa forma, a experiência de solidão em sujeitos LGBTQIA+ aparece não apenas como efeito contingente de relações sociais frágeis, mas como resultado de uma sobreposição de regimes de reconhecimento, instabilidade social e estratégias psíquicas de adaptação. A homofobia internalizada, nesse sentido, opera menos como categoria explicativa unificada e mais como ponto de condensação de forças sociais, discursivas e psíquicas em permanente tensão.

O modelo interpretativo proposto pode ser sintetizado, portanto, não como cadeia causal linear, mas como configuração relacional: dispositivos heteronormativos produzem normas de inteligibilidade; tais normas são internalizadas como expectativa de rejeição e autocensura; o self organiza performances defensivas em busca de reconhecimento; a instabilidade contemporânea dos vínculos intensifica a precariedade do pertencimento; e os ambientes digitais reconfiguram essas dinâmicas por meio de regimes acelerados de comparação e desejabilidade. O resultado não é uma totalização explicativa, mas um campo de forças no qual poder, subjetividade e sofrimento psíquico se constituem mutuamente, ainda que de forma assimétrica e tensionada.

5. Considerações finais

A análise desenvolvida neste estudo permitiu compreender a homofobia internalizada como um fenômeno que ultrapassa a dimensão intrapsíquica individual, configurando-se como efeito da articulação entre dispositivos históricos de poder, normas heteronormativas de reconhecimento, transformações contemporâneas dos vínculos sociais e processos subjetivos de constituição do self. Nesse sentido, a principal contribuição teórica do artigo consiste em propor uma leitura integrada da homofobia internalizada como

mediadora entre regimes sociais de inteligibilidade e formas contemporâneas de sofrimento psíquico em sujeitos LGBTQIA+.

Ao articular as contribuições de Foucault, Butler, Winnicott, Bauman e Goffman, o estudo sustenta que a experiência de solidão em pessoas LGBTQIA+ não pode ser reduzida à ausência objetiva de relações sociais. A solidão emerge, sobretudo, como experiência de não reconhecimento, produzida quando determinadas formas de existência permanecem condicionadas à adaptação contínua a normas heteronormativas. Nesse processo, a homofobia internalizada opera como mecanismo de autovigilância e regulação subjetiva, levando o sujeito a ajustar performances indenitárias em busca de aceitação social, frequentemente às custas da espontaneidade e da autenticidade do self.

A originalidade desta pesquisa reside na proposição de um modelo interpretativo que compreende a homofobia internalizada como operador transversal entre poder, performatividade, vínculos sociais e organização psíquica. Diferentemente de abordagens que restringem o fenômeno ao campo clínico ou exclusivamente sociológico, este estudo demonstra que o sofrimento associado à homofobia internalizada é produzido na intersecção entre normas sociais de reconhecimento, precarização contemporânea dos vínculos e estratégias defensivas de adaptação subjetiva.

Além disso, o artigo contribui para ampliar a compreensão das sociabilidades digitais contemporâneas, evidenciando que aplicativos de relacionamento funcionam simultaneamente como espaços de pertencimento e exclusão. Embora possibilitem encontros, reconhecimento e construção de redes afetivas, também intensificam dinâmicas de comparação, hierarquização e validação normativa dos corpos e identidades. Assim, os ambientes digitais não apenas refletem desigualdades sociais já existentes, mas participam ativamente da produção contemporânea da solidão e da insegurança subjetiva.

Outra contribuição relevante do estudo consiste em diferenciar a solidão enquanto experiência de isolamento defensivo da capacidade winnicottiana de estar só. Tal distinção permite compreender que nem toda experiência de solitude implica sofrimento psíquico. Em sujeitos atravessados pela homofobia internalizada, contudo, a solidão frequentemente assume caráter defensivo e relacional, vinculando-se ao medo da rejeição, ao ocultamento indenitário e à fragilidade das condições sociais de reconhecimento.

O estudo também reforça a importância da interseccionalidade para a compreensão da experiência LGBTQIA+, reconhecendo que raça, classe, gênero, território, corporalidade e religião modulam de maneira desigual as possibilidades de pertencimento social e proteção psíquica. Dessa forma, a homofobia internalizada não opera de maneira homogênea, mas é atravessada por diferentes regimes de vulnerabilidade social.

No campo clínico, os achados apontam para a necessidade de práticas de cuidado que não patologizem estratégias defensivas desenvolvidas em contextos sociais hostis. O ocultamento da identidade, a modulação da expressão do desejo e determinadas formas de vigilância sobre si podem constituir recursos de sobrevivência diante de experiências concretas de violência simbólica e exclusão. A clínica, portanto, deve ser compreendida como espaço ético de reconstrução das condições de reconhecimento do self, favorecendo processos de elaboração subjetiva que possibilitem maior integração identitária e autenticidade relacional.

Como limitação, reconhece-se o caráter teórico-reflexivo do estudo, que não permite generalizações empíricas. Futuras pesquisas poderão aprofundar empiricamente as articulações aqui propostas, especialmente no que se refere aos impactos interseccionais da homofobia internalizada, às experiências LGBTQIA+ em plataformas digitais e às relações entre sofrimento psíquico, reconhecimento social e vínculos afetivos na contemporaneidade.

Por fim, este estudo sustenta que a homofobia internalizada deve ser compreendida menos como atributo individual e mais como efeito relacional produzido por regimes sociais de reconhecimento. Em contextos marcados pela fragilidade dos vínculos e pela normatização da desejabilidade, a experiência subjetiva LGBTQIA+ torna-se atravessada por tensões constantes entre pertencimento e exclusão, autenticidade e adaptação, visibilidade e proteção. Compreender essas dinâmicas implica deslocar o foco do indivíduo isolado para as estruturas sociais, discursivas e afetivas que organizam as possibilidades contemporâneas de existência, reconhecimento e cuidado.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. São Paulo: Annablume, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. *The psychic life of power: theories in subjection*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

BYRNE, Donn. *Social psychology and the study of sexual behavior*. Boston: Allyn & Bacon, 2000.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CECILY, J. et al. Internalized homophobia and mental health outcomes in LGBTQIA+ populations. *Journal of LGBT Studies*, v. 18, n. 2, p. 45–61, 2024.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 2017.

FERREIRA, Lucas; TORRES, Mariana; FERNANDES, João. Sociabilidade digital e experiências LGBTQIA+ em aplicativos de relacionamento. *Revista Contemporânea de Sexualidade*, v. 6, n. 1, p. 88–104, 2024.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIMA, Rafael. Aplicativos de relacionamento, performatividade e subjetividade LGBTQIA+. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 36, e024001, 2024.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, v. 129, n. 5, p. 674–697, 2003.

MOWLABOCUS, Sharif. *Gaydar culture: gay men, technology and embodiment in the digital age*. Farnham: Ashgate, 2010.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2004.

ROSENFELD, Michael J.; THOMAS, Reuben J.; HAUSEN, Sonia. Disintermediating your friends: how online dating in the United States displaces other ways of meeting. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 116, n. 36, p. 17753–17758, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1965.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.